

EDUCAÇÃO EM TEMPO DE “FAKE NEWS”: JOVENS ESTUDANTES NA ERA DA PÓS-VERDADE¹

Viviane ONGARO²

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO

O presente artigo faz parte do início dos trabalhos de tese de doutorado cujo tema central envolve o fenômeno da fake news e a educação na era da pós-verdade³. Neste sentido o material busca apenas descrever o início das reflexões sobre a temática, com o intuito de iniciar uma discussão em relação aos sujeitos inseridos no universo tecnológico, a cultura juvenil e digital, bem como pretende levantar pistas sobre o papel da escola no processo de compreensão da mídia-educação e da necessidade de uma alfabetização midiática.

PALAVRAS-CHAVE: cultura digital; cultura juvenil; competências midiáticas; Fake News; jovem prosumidor.

INTRODUÇÃO

O advento das tecnologias trouxe consigo mudanças significativas na sociedade. Nunca antes da história da humanidade o homem esteve tão próximo de outras culturas e pôde se comunicar em tempo real. Não apenas a maneira de se comunicar, como também a forma de ver e entender o mundo foram modificadas. As relações passaram por transformações significativas.

Agora o importante não é apenas contemplar a chegada de novos equipamentos de comunicação e interação, mas aprender o que realmente essas novidades causam na vida e no dia a dia do ser humano. Ao entender essas relações e os seus impactos cria-se uma cultura digital que, ao contrário do que se pensa, não se trata da transposição das culturas existentes para um outro mundo (SANTOS, 2009). Trata-se, sobretudo, de se transitar em camadas virtuais distintas com valores, conceitos, conhecimentos, práticas, temporalidades e universalidades próprias (KENSKI, 2018).

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: jornalistavivianeongaro@gmail.com

³ Pós-verdade, segundo Leite (2017, p. 9) “foi eleita a palavra do ano de 2016. O jornal *El País*, por exemplo, dedica a eleição dessa palavra ao novo presidente dos Estados Unidos e a um movimento político, a saber: a Trump e o Brexit. Em tempos de mudanças rápidas e constantes, sejam elas sociais, políticas ou econômicas, falar em pós-verdade implica entender que o bombardeio constante de notícias, postagens, e-mails que a internet nos oferece pode se tornar algo perigoso se não começarmos a questionar, a refletir sobre isso”.

Os jovens encontram-se inseridos neste universo midiático. São consumidores assíduos de seus produtos e de suas possibilidades. Ao terem uma proximidade com as tecnologias, muito mais do que os adultos, perceberam o seu alcance e fazem uso da possibilidade de conexão como forma de se tornarem protagonistas da própria história. Não apenas consomem como reproduzem informações diariamente através das redes e de seus grupos de amigos. Passaram de receptores Passaram de receptores passivos a ativos, produzindo conteúdo e replicando informações, tornando-se prosumidores da informação.

Entretanto, essas novas características adotadas pelo universo juvenil e pela chegada da tecnologia na vida em sociedade não são contempladas de forma satisfatória pela escola. A instituição ainda permanece presa a uma educação do século XIX (CANÁRIO, 2006).

Nos últimos anos, com a percepção do uso das redes para interesses pessoais, principalmente por governantes e o ressurgimento das *fake news*, fez-se necessário ainda mais a preocupação com uma educação voltada ao desenvolvimento de competências midiáticas. Só através do conhecimento das artimanhas envolvendo as redes e as informações por ela distribuídas, será possível tornar uma sociedade mais crítica e ciente das suas responsabilidades como produtora e reprodutora de mensagens.

Experiências e práticas culturais se tornaram diferenciadas transformando pesquisas nesta área de suma importância no sentido de estabelecer o que esta juventude tem feito com a mídia e as tecnologias e o que a própria mídia e as tecnologias têm feito com esta mesma juventude.

Desta forma levanta-se reflexões sobre: Como os processos de interpretação, interação, produção e difusão de informação na Era da *Fake News* vem sendo compreendidos e utilizados pelos jovens estudantes nos diferentes cenários da cultural digital? Afinal como a escola vem se preparando para este novo cenário? Há uma preocupação em preparar este sujeito inserido no mundo tecnológico para que seja alfabetizado midiaticamente e possa compreender notícias falsas e verdadeiras?

2. OS JOVENS E A TECNOLOGIA

Se estivesse vivo o então sociólogo canadense Marshal MacLuhan certamente estaria satisfeito com o mundo tecnológico constituído hoje. Ridicularizado por seus

pares na década de 60, veria que sua “profecia” realmente se concretizou: “um mundo sem fronteiras”. Uma realidade tão espetacular e ao mesmo tempo assustadora, que permite ao ser humano entrar em contato com outros da mesma espécie em tempo real e utilizando um simples aparelho que cabe na palma da mão.

Uma revolução tão significativa que mudou a forma de ver, agir e compreender o mundo. Um momento histórico que permite ao ser humano não ser apenas um simples receptor de mensagem, mas se transformar num produtor de conteúdo. É o triunfo do receptor. *“A comunicação tornou-se, na sociedade aberta, a possibilidade de tudo reinterrogar, a começar pelas ideologias e representações. É também a valorização de tudo o que é mobilidade, velocidade e mudança”.* (WOLTON, 2006, p. 27)

A nova sociedade constituída vê uma transformação também na forma de entretenimento, lazer, trabalho, consumo e até mesmo de estudar. Cada qual tem uma relação com as novas mídias e tecnologias. Portanto houve uma mudança significativa no paradigma de como utilizamos as novidades que chegam dia a dia em nossas casas e, sobretudo em nossas vidas. *“Você é um fã que usa as mídias para assistir aos seus programas favoritos. Você é um anunciante que usa as mídias para vender serviço. Pe um artista que usa as mídias para distribuir os conteúdos criados por você”.* (JENKINS, 2009, p. 9)

A revolução ocasionada pelas tecnológicas faz surgiu uma cultura própria: a cultura digital. Kenski (2018) explica como ocorre a junção dos dois termos. Primeiramente cultura compreende o somatório de conhecimentos, valores e práticas vivenciadas por um determinado grupo. A palavra *digital*, por sua vez, origina-se do termo latino *digitus* e refere-se às tecnologias que transmitem dados por meio de uma sequência de números de 0 e 1.

Desta forma, como explica Kenski (2018) o termo *digital*, integra-se à *cultura*, definindo o momento particular da humanidade no qual o uso de meios digitais de informação e comunicação se expandiram e, que na atualidade, permeiam processos e procedimentos amplos em todos os setores da sociedade.

Uma parcela importante da população, vista muitas vezes como categoria e classificada até pouco tempo como um problema social, surge para dominar essa nova sociedade inserida na cultura digital. São os jovens que cada vez mais detém em suas mãos o conhecimento das novas ferramentas comunicacionais.

Denominados *Nativos Digitais* por alguns estudiosos, os jovens sabem utilizar os dispositivos em múltiplas circunstâncias. Buscam incansavelmente algo novo que vá ao encontro de seus interesses e aptidões. Portanto, essa é a parcela de sujeitos da contemporaneidade que mais se sentem integrados de forma natural ao uso dos meios digitais.

Para se ter uma ideia do uso das tecnologias pelos jovens e o consumo dos produtos que esses meios oferecem, dados divulgados em setembro de 2018, pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), por meio do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), e realizado pela *TIC Kids Online Brasil 2017*⁴, revela que houve um aumento no consumo de notícias online por crianças e adolescentes brasileiros na faixa etária dos 9 aos 17 anos. Segundo a pesquisa, que aconteceu entre novembro de 2017 e maio de 2018, 51%, das 3.102 crianças e adolescentes entrevistados, leem ou assistem notícias pela internet. Em 2013 essa proporção era de apenas 34%.

A pesquisa revelou ainda de maneira inédita que 40% das crianças e adolescentes conectados usam a internet para conversar com pessoas de outras cidades, países e culturas. Destas 36% participam de páginas e grupos de internet sobre assunto de interesse. Além disso, 12% das crianças e adolescentes conectados buscam a internet para conversar sobre política ou problemas da cidade ou país e 4% participam de campanhas ou protestos na rede.

O levantamento conclui que de cada dez crianças e adolescentes brasileiros oito, ou seja, 85%, com idade entre 9 e 17 anos eram usuários da internet em 2017. Isso representa 24,7 milhões de jovens nesta faixa etária em todo o país. Os dados revelam ainda a disparidade regional e socioeconômica em relação ao acesso e uso da rede: nas áreas urbana (90%) e rural (63%); nas regiões Sudeste (93%) e Norte (68%); nas classes AB (98%) e DE (70%).

Outro dado revelador é que houve crescimento no uso de dispositivos móveis. Em 2012 eram apenas 21% de crianças e adolescentes que acessava a rede por meio de celular. Em 2017 esse número saltou para 93%, o que representa 23 milhões de pessoas

⁴ Disponível em: <https://cetic.br/noticia/cresce-numero-de-criancas-e-adolescentes-que-buscam-noticias-na-internet-aponta-cetic-br/>. Acesso em: 14/08/2019, às 16h01.

nesta faixa etária. O celular é o principal meio de acesso para crianças e adolescentes da área rural (57%), do Norte (59%) e classe DE (67%).

Os levantamentos mostram a inegável presença Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no universo juvenil e na forma como esta parcela da população vê e interpreta o mundo. Portanto, os fenômenos da globalização, que permitiram a interação entre culturas e populações heterogêneas rompendo estruturas tradicionais, possibilitam que o jovem possa alterar a maneira de lidar com o conhecimento tanto na produção, quando a transmissão crítica e reformulação.

3. PAPEL DA ESCOLA NA CULTURA DIGITAL

As novas tecnologias proporcionaram aos jovens uma possibilidade única, nunca desfrutada por outras gerações. A oportunidade de estar em conexão com o mundo, mesmo sem ter que sair de sua própria casa, fez com que este jovem se tornasse um verdadeiro produtor de mensagem podendo expor seus anseios, suas ideias, suas necessidades e suas verdades para qualquer pessoa de qualquer parte do mundo.

Entretanto algumas questões são fundamentais e merecem análise: até que ponto este jovem recebeu uma orientação específica para realizar tais feitos? Ele conhece todas as “armadilhas” desta possibilidade infinita de comunicação? Sabe seus direitos e deveres neste universo midiático? E a escola os prepara esses jovens para uma alfabetização midiática?

Se olharmos para o modelo atual e tradicional de educação não fica difícil perceber que a escola de hoje não serve mais para esse jovem inserido na nova sociedade contemporânea. Os estudantes chegam ao ambiente escolar como *expertises* no universo tecnológico e, principalmente são mestres no manuseio de seus equipamentos. Em contrapartida boa parte dos docentes sentem dificuldade em relação ao domínio das tecnologias, embora tenham consciência de que este processo é irreversível e que cada vez mais será necessário para o desenvolvimento intelectual e profissional dos estudantes.

Há ainda situações em que escolas e seus gestores demoram a compreender que as diferentes tecnologias digitais e as novas linguagens para fins pedagógicos vão além do uso de um laboratório de informática. Torna-se necessário o desenvolvimento de

uma alfabetização midiática buscando superar desafios no sentido de recuperar atrasos e inserir a nova geração na sociedade digital e suas exigências.

A necessidade de alfabetização midiática, remete a reflexões e questionamentos por parte de gestores, educadores e do próprio meio acadêmico acerca não apenas do uso, mas, sobretudo, da funcionalidade e dos resultados concretos alcançados com a presença das tecnologias em sala de aula.

Como alerta Miranda & Fantin (2018) o contexto sociocultural contemporâneo exige dos sujeitos competências distintas como atitudes criativas, inovadoras e eficazes. Portanto, à escola cabe desenvolver práticas que aproximem os jovens estudantes às experiências em rede (*on e offline*), em um universo cuja aprendizagens são diversificadas.

Com dificuldades no caminhar a esta nova realidade, a escola tem se esquecido que a identidade do sujeito que habita essa nova sociedade é composta por indivíduos em constante instabilidade identitária e uma fragmentação da subjetividade. Os sujeitos, especificamente os jovens, percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa pela sensibilidade, pelo imaginal, pelo emocional.

Em uma sociedade globalizada a capacidade de aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos torna-se cada vez mais importante na formação escolar dos jovens. A mudança de paradigma e seus reflexos no universo escolar, oriundos da convergência tecnológica, provocam perplexidade e desorientação. Entretanto, se faz necessário reconhecer que mudar “velhas práticas” significa descobrir maneiras de intervenção do processo educativo. A tecnologia se configurou num instrumento valioso ao abrir janelas para o mundo, mas será pouco eficiente sem o abandono de uma prática pedagógica tradicional.

Os jovens são sujeitos que “falam” a linguagem digital desde que nasceram. Estão acostumados a obter informações de forma rápida e a interagir com diversas mídias ao mesmo tempo. Portanto, ao possibilitar a interpretação e o julgamento com base em informações, o jovem é capaz de modificar seu próprio mundo. Torna-se um produtor em seus próprios direitos capaz de navegar, empoderando-se de decisões importantes sobre sua vida e dos demais.

Neste cenário desenha-se a preocupação em investigar os modos como os jovens veem e vivem suas vidas. Comunicando-se os jovens fazem sociedade. Entretanto, a ausência de comunicação ou o reconhecimento de sua impossibilidade, entram em

conflito e enfrentamento. Torna-se substancial inserir a reflexão sobre jovens e juventudes e suas articulações entre comunicação, tecnologia e cultura.

Trata-se de trabalhar não apenas o repertório *já sabido*, mas utilizar um conjunto de informações no sentido de incentivar a construção do saber. Pensar o ensino através de projetos que façam sentido formador ao educando através de relações intersubjetivas. Portanto, o desafio inclui interpretar o local e o global, a totalidade e a fragmentação, o concreto e o subjetivo partindo da realidade e das vivências dos jovens, respeitando o seu contexto social e cultural. Assumindo o ser humano como ente constituído sócio-histórico-culturalmente em uma trama de múltiplas dimensões.

4. JOVENS E A FAKE NEWS

A importância das tecnologias na vida dos jovens reflete-se não apenas no número de mídias que têm acesso diariamente, mas como explica Hjarvard (2014), sobretudo na quantidade de tempo que esses jovens passam utilizando essas ferramentas. O autor lembra ainda que nos últimos anos os jovens adquiram maior controle das situações nas quais são consumidores e as experiências e práticas culturais se tornaram diferenciadas.

Wolton (2012) afirma que a comunicação é o cerne da modernidade. Entretanto alerta que pela abundância os sistemas de comunicação lembram os “hipermercados” e o “grande consumo” de informação e comunicação. Isso pode fazer com que cada um acredite que possa agir, sem intermediário, filtro ou hierarquia.

Portanto para o autor: “compreender o lugar e o papel da comunicação na sociedade significa analisar as relações entre as três características da comunicação: o sistema técnico, o modelo cultural dominante e o projeto que sustenta a organização econômica, técnica e jurídica do conjunto de tecnologias de comunicação”. (WOLTON, 2012, p. 14)

Sendo assim o desenvolvimento das competências midiáticas deve ser uma preocupação constante, não apenas em relação a todas as mudanças ocorridas com o advento das tecnologias, mas, sobretudo, em decorrência do cenário pelo qual a sociedade mundial vem passando: o crescente fenômeno da *fake news* (*notícias falsas*) e suas consequências.

Embora pareça algo novo e que nasceu exclusivamente o surgimento e popularização das redes sociais, a prática de disseminar informações falsas é datada de séculos passados. Escritores costumavam propagar falsas informações sobre seus desafetos por meio de comunicados e obras. Mais tarde, com a força da propaganda, a prática da *fake news* ganhou ainda mais força com a publicação de dados distorcidos para a população.

Entretanto o termo ganhou força mundialmente em 2016, com a corrida presidencial americana. À época conteúdos falsos foram disseminados contra a candidata Hillary Clinton ajudando a Donald Trump vencer a batalha frente aos eleitores. Dois anos depois, foi a vez do Brasil ser atingido pela mesma prática ocorrendo o mesmo processo de interferência no processo eleitoral. Vale ressaltar no caso brasileiro não apenas o *facebook*, mas o *youtube* e, principalmente o *WhatsApp* foram utilizados para espalhar falsas informações

Ancona (2018) reflete que a novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. Segundo o autor a indignação dá lugar à indiferença e, posteriormente à convivência. Outro problema é que a notícia falsa também vende. A construção de uma indústria multibilionária da desinformação promoveu empresas, instituições e grupos. “Nossas demandas como cidadãos para que a verdade seja dita devem ser moderadas pela razão, mas não amansadas pela complacência. Nossa insistência deve ser implacável”. (Andona, 2018, p. 128, 129).

E na educação, o que muda? Leite (2017) aponta alguns caminhos importantes. Já que os alunos aprendem de forma antes desconsiderada pela escola, é importante que a aprendizagem a partir de agora também inclua a internet. Neste caso investindo num letramento midiático crítico. É o ato de usar a tecnologia para analisar, criticar e reconstruir estruturas que influenciam no dia a dia de cada cidadão.

E a autora conclui:

“Em tempos de mudanças drásticas e rápidas, em que um número absurdo de informações nos interpelam todos os dias e em que se o termo pós-verdade ganha espaço em todas as esferas, o caminho para uma educação transformadora não deve residir na demonização das redes ou da internet. Devemos buscar maneiras de refletir, de não nos subjugar ou nossos alunos a todas as notícias ou postagens que visualizamos” (LEITE, 2017, p. 23)

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Cenas juvenis: punkes e darks no espetáculo urbano. São Paulo: ANPOCS, 1994

AGUADED, Ignacio. Desenvolvimento de competência midiática no contexto latinoamericano. Letral: revista eletrônica de Estudos Transatlânticos. Número 20 Extra, 2018, p. 156-182. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6523793>. Acesso em: 16/08/2019, às 13h28.

AGUADED, Ignacio & Del Rio, Mônica Bonilla. A escola na era digital: Smartphones, aplicativos e programação no ensino fundamental e seu impacto na competência de mídia dos alunos. Pixel-Bit: Journal of mídia e educação. Número 53, 2018, p. 151-156. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6630360>. Acesso em: 15/08/2019, às 13h33.

AGUADED, Ignacio & PÉREZ-ESCODA, Ana & RODRÍGUEZ-CONDE, M^o José. Digital Generation vs. Analogic School. Digital Skills in the Compulsory Education Curriculum. Digital Education Review. Nº. 30, 2016, págs. 165-183. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5772408>. Acesso em: 13/08/2019, às 13h39.

ANCONA, Matthew D`. **Pós-verdade**. A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

BARBERO, Jesús Martín. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. IN: BORELLI, Silvia H, S & FILHO, João Freire (Orgs). Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: Educ, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt & LEONCINI, Thomas. Nascidos em tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

BEGA, M. T. SALLAS, A.L. Por uma Sociologia da Juventude – Releituras Contemporâneas. Revista Política & Sociedade, n. 8 abril de 2006.

BOYD, Danah. É complicado as vidas sociais dos jovens em rede. Lisboa: Editora Relógio D`Água, 2015.

BORELLI, Silvia H, S & ROCHA, Rose de Melo & OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (coordenadoras). Jovens na cena metropolitana. Percepções, narrativas e modos de comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994.

BORELLI, Silvia, H.S & FILHO, João Freire (Orgs.). Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: Educ, 2008.

CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CANDAU, Vera Maria. Reinventar a escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARBONELL, Jaume. Pedagogia do Século XXI. Bases para a inovação educativa. Porto Alegre: Penso, 2016.

CHATES. Tatiane de Jesus (org). **Perspectivas educacionais em tempos de pós-verdade**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

D`ANCONA, Matthew. Pós-Verdade - A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018.

FANTIN, Mônica & GIRARDELLO, Gilka (Orgs.) Liga, Roda, Clica. Estudos em mídia, cultura e infância. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

FANTIN, Mônica & RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e escola. Pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FANTIN, M. Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. 1. ed. Florianópolis: Cidade Futura, 2006. v. 1. 264p.

KENSKI, Vani. M. **Cultura Digital**. In: MILL, Daniel. **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papyrus, 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2012.